



**PAGAR O PATO É O MESMO QUE PAGÁ-LO? CONSIDERAÇÕES SOBRE
O COMPORTAMENTO MORFOSSINTÁTICO EM FRASEOLOGISMOS**
**IS PAGAR O PATO THE SAME AS PAYING IT? CONSIDERATIONS
ABOUT MORPHOSYNTACTIC BEHAVIOR IN PHRASEOLOGISMS**

*David Pereira de Souza*¹

*Carlene Ferreira Nunes Salvador*²

*Abdelhak Razky*³

RESUMO

A reflexão sobre o léxico tradicionalmente se concentra no exame da palavra, em sua configuração monolexical. A fim de contribuir com essa reflexão, propomos, neste artigo, a análise de unidades polilexicais do português que constituem fraseologismos, objetivando descrever seu comportamento morfossintático. Para tanto, assumimos que léxico e gramática são componentes intimamente relacionados no sistema da língua. Especificamente, o aporte teórico adotado comporta três enfoques principais, a saber: a corrente francesa de Fraseologia representada por Gross (1996) e Mejri (1997; 2012; 2018); a discussão sobre o conceito de palavra, com base em Biderman (1999), Basilio (2000), Haspelmath e Sims (2010) e Mejri (2018); e as contribuições de Perini (2008; 2010) em relação à sintaxe do português, especialmente das unidades fraseológicas. No que tange aos procedimentos metodológicos, o artigo se estrutura a partir da pesquisa base de Souza (2018) sobre fraseologismos no discurso político, da qual foram retiradas 21 unidades fraseológicas, isoladas de seu contexto de uso, para ilustrar o comportamento morfossintático dessas estruturas que apresentam fixidez em diferentes níveis, com destaque neste estudo para as restrições morfossintáticas que elas apresentam nos eixos sintagmático e paradigmático.

Palavras-chave: Comportamento morfossintático; Fraseologia; Palavra.

ABSTRACT

The reflection on the lexicon has traditionally focused on examining the word, in its monolexical configuration. In order to contribute to this reflection, we propose, in this article, the analysis of polilexical units of Portuguese that constitute phraseologisms, aiming to describe their morphosyntactic behavior. Therefore, we assume that lexicon and grammar are closely related components in the language system. Specifically, the theoretical approach adopted comprises three main approaches, namely: the French Phraseology current represented by Gross (1997) and Mejri (1997; 2012; 2018); the discussion about the word concept, based on Biderman (1999), Basilio (2000), Haspelmath and Sims (2010) and Mejri (2018); and Perini's contributions (2008; 2010) in relation to the Portuguese syntax, especially the phraseological units. With regard to methodological procedures, the article is structured based on Souza's (2018) basic research on phraseologies in political discourse, from which 21 phraseological units were removed, isolated from their context of use, to illustrate the morphosyntactic behavior of these structures that present fixity at different levels, highlighting in this study the morphosyntactic restrictions that they present in the syntagmatic and paradigmatic axes.

Keywords: Morphosyntactic behavior; Phraseology; Word.

1 Doutorando em estudos linguísticos no Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Pará. Professor substituto da Universidade do Estado do Pará e professor concursado na Secretaria de Educação do Pará (SEDUC), davips312@gmail.com.

2 Doutorado em Letras - Estudos linguísticos pela Universidade Federal do Pará. Docente do Curso de Letras - Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA, carlene.salvador@ufra.edu.br.

3 Doutorado em Linguística - Université de Toulouse Le-Mirail, França. Professor titular da Universidade Federal do Pará (UFPA) e Professor em Exercício na Universidade de Brasília (UnB), arazky@gmail.com.

Introdução

A justificativa para a escolha do tema deste trabalho se deve fundamentalmente a duas razões. Primeiramente, porque a ampliação de conhecimentos técnicos e teóricos a respeito do funcionamento morfossintático das línguas naturais demonstra que o estudo fraseológico não pode ser ignorado das reflexões e do escopo desse componente curricular e, inversamente, a pesquisa fraseológica não pode prescindir dos princípios e ferramentas estabelecidos pela linguística para o exame da morfossintaxe das línguas. O outro motivo, decorrente do primeiro, se deve ao fato de a temática escolhida ser de fundamental importância em fraseologia, uma vez que o fenômeno da cristalização lexical põe em xeque a concepção tradicional de palavra monolexical.

Em se tratando da fundamentação teórica, este estudo adota, para os conceitos de fraseologia e de polilexicalidade, os trabalhos de Gross (1996) e Mejri (1997; 2012; 2018). Sobre a revisão dos trabalhos realizados no Brasil, tem-se por base Ortiz Alvarez (2000) e Monteiro-Plantin (2014). No que concerne à noção de palavra, ancora-se nas contribuições e reflexões de Biderman (1999), Basílio (2000) e Haspelmath e Sims (2010).

Com relação aos passos metodológicos, este trabalho, de natureza quali-quantitativa e de cunho descritivo (GIL, 2010), foi realizado em três etapas. Na primeira, fez-se um levantamento bibliográfico de trabalhos que discutem a noção de palavra e de fraseologia. Posteriormente, foram selecionados 21 fraseologismos que expressam diferentes estruturas sintagmáticas. Essas unidades foram extraídas do glossário de fraseologismos utilizados no discurso político de Souza (2018). Por fim, realizou-se a análise das sequências cristalizadas.

Os resultados demonstram que, do ponto de vista formal, sem levar em consideração a dimensão semântica, as sequências selecionadas seguem os padrões sintáticos do português, apresentando estrutura sintagmática diversificada, com tamanho e extensão variáveis, contendo dois constituintes no sintagma ou constituindo frases completas. A análise do comportamento morfossintático revelou que os fraseologismos são, em sua maioria, resistentes a determinadas transformações morfossintáticas que seriam aceitas normalmente por construções livres. Isso, obviamente, demonstra uma atração léxico-gramatical das unidades que formam expressões com diferentes graus de cristalização que constituem os fraseologismos.

Nas seções a seguir, discorreremos sobre conceitos teóricos gerais da fraseologia propostos por Salah Mejri para a delimitação e identificação das unidades fraseológicas, além de uma discussão crítica sobre o conceito de palavra e a sua relação com a fraseologia. Em seguida, apresentamos a metodologia utilizada para a construção da amostra, assim como dispomos os resultados alcançados.

Fundamentação teórica

A fraseologia de uma língua natural é constituída por um apanhado de expressões, que circulam no sistema da língua com regularidade de sua forma e restrição de seu sentido. Mejri (2012) refere-se a elas em termos de associações sintagmáticas recorrentes, ou fraseologismos, resultantes do processo de cristalização lexical que atua conjuntamente na materialização do fenômeno fraseológico nas línguas vivas, colocando a sintagmática a serviço do léxico. De configuração polilexical, os fraseologismos apresentam total ou relativa fixidez de sua forma, institucionalização, frequência de uso, além de diferentes graus de idiomaticidade, o que permite eleger um *continuum* no sentido de ser mais ou menos conotativo, como veremos adiante, ao tratarmos especificamente das propriedades dessas unidades.

Como campo investigativo sistematizado a partir do início do século XX, cabe à Fraseologia o estudo dessas sequências fixas recorrentes que estão acumuladas no arcabouço lexical do usuário da língua.

Do ponto de vista cronológico, embora se tenha registro dos estudos realizados por Hermann Paul (1980 [1886]) e Michel Bréal (1992 [1897]), recai sobre Charles Bally a primeira tentativa em busca da sistematização dessa disciplina, considerando-a uma subárea da Lexicologia, tendo sido o primeiro autor a nomear de *Phraseologie* a área em questão. Bally (1909) apresentou em seu *Traité de stylistique française* a categorização daquilo que ele convencionou chamar de locuções fraseológicas, preocupando-se em verificar as propriedades que possibilitam identificar e categorizar as associações ou agrupamentos sintagmáticos, salientando que tais expressões podem ter apenas um caráter passageiro de modo que podem desaparecer ou, ao contrário, permanecer nos sistemas das línguas, apresentando caráter usual, recorrente, o que as torna uma unidade fixa, cujo sentido passa a ser geralmente não composicional, como as expressões idiomáticas.

O estudo fraseológico realizado por Bally (1909) possibilitou a essa área, que durante muito tempo ficou à parte dos estudos linguísticos, ganhar adeptos fora do continente europeu, chegando à Rússia (antiga União Soviética). Nesse contexto, desenvolveu-se a ponto de se constituir disciplina científica, na década de 1940, graças aos trabalhos de Polivanov (1931 apud ORTIZ ALVAREZ, 2000) e Vinogradov (1947 apud ORTIZ ALVAREZ, 2000) como principais representantes dessa escola que, após averiguarem as características dos fraseologismos e os limites de atuação da área, propuseram a Fraseologia como um campo de estudo independente da Lexicologia, divergindo, assim, de Bally (1909) e de outros autores que tratam a unidade fraseológica como fato do léxico, como Casares (1950), Klare (1986), Mejri (1997; 2012), Corpas Pastor (1996) e Ortíz Alvarez (2000).

Ao concordar com os fraseólogos russos, Monteiro-Plantin (2014) considera que a Fraseologia constitui uma

disciplina independente, relacionada a todos os níveis de análise linguística (do fonético ao discursivo-pragmático), cujo o objetivo é o estudo das combinações de unidades léxicas, relativamente estáveis, com certo grau de idiomaticidade, formadas por duas ou mais palavras, que constituem a competência discursiva dos falantes, em língua materna, segunda ou estrangeira, utilizadas convencionalmente em contextos precisos, com objetivos específicos, ainda que, muitas vezes, de forma inconsciente (MONTEIRO-PLANTIN, 2014, p. 34).

Por sua vez, Mejri (1997), tendo assumido um ponto de vista lexicológico para a fraseologia, não nega a complexidade do fenômeno e as interfaces que mantém com a sintaxe, morfologia etc., visto que o processo de cristalização linguística é central nas línguas e mobiliza todos os níveis do sistema. Para ele, “a cristalização não é um fato isolado, mas que está, ao contrário, no centro do funcionamento da linguagem” (MEJRI, 1997, p. 34). A esse processo pelo qual as combinações sintagmáticas vão se tornando fixas na língua, formando um bloco de sentido global, Mejri (2012) chama de *figement*, reservando o termo *phraseologie* ao fenômeno, comum às línguas naturais, que se expressa por meio dos fraseologismos.

Apesar de abundantes no uso da língua, nem sempre é fácil delimitar e diferenciar nitidamente os fraseologismos das demais construções sintagmáticas ditas livres, pois, conforme já demonstraram os estudos franceses desenvolvidos no âmbito da Lexico-gramática (GROSS, 1982; GROSS, 1996), as sequências fixas se submetem, de modo geral, à sintaxe que opera na língua comum, o que não significa ausência de peculiaridades no seu comportamento morfossintático e semântico-pragmático. Há autores que concedem primazia ao conteúdo semântico dessas unidades, em virtude da natureza geralmente opaca de expressões idiomáticas, gírias e dito popular, por exemplo, deixando de incluir no caudal fraseológico sequências de conteúdo mais transparente, como as colocações e fórmulas situacionais. Entretanto, acreditamos, fundamentados em Mejri (1997; 2012), que as propriedades dos fraseologismos se apresentam de forma escalar, num *continuum*.

Mejri (2012) sugere seis critérios que possibilitam a certificação fraseológica, são eles: polilexicalidade, fixidez, congruência, frequência, previsibilidade e idiomaticidade. Com exceção da polilexicalidade, as demais propriedades são gradientes, isto é, nem sempre ocorrem com a mesma intensidade nem todas de uma única vez em todos os casos. *Grosso modo*, as sequências fixas costumam apresentar pelo menos três ou quatro dessas propriedades, o que assegura a categorização dessas estruturas conforme o grau de fixidez sintagmática e semântica.

Do ponto de vista formal, a polilexicalidade é a propriedade mais saliente dos fraseologismos, uma vez que o fato de serem constituídos por mais de um item lexical se faz evidente a *olho nu*. Daí, ser essa uma característica essencial no reconhecimento fraseológico. Observemos o caso de *pagar o pato*⁴, no sentido de ser penalizado por alguma atitude negativa que não cometeu, em que há três elementos formando a sequência sintagmática *pagar/o/pato*.

4 Exemplos retirados da amostra sob análise receberam ênfase em itálico.

Analisados separadamente, cada item tem seu significado autônomo, porém o sentido global referido acima não é a soma desses componentes, devendo-se considerar o bloco, o conjunto. Os fraseologismos podem apresentar extensão variável no eixo sintagmático, indo do sintagma formado por dois componentes lexicais a estruturas transfrásticas, como os provérbios. Entretanto, apesar de importante, o critério da polilexicalidade não é suficiente para assegurar o caráter fraseológico, pois nem toda estrutura polilexical constitui um fraseologismo, como não o são as palavras compostas (guarda-roupa, beija-flor, por exemplo), mas toda unidade fraseológica é, necessariamente, de natureza polilexical.

Outra característica importante dessas sequências é a frequência de uso, chegando muitas vezes a superar as demais palavras monolexicais, a depender do tema abordado e do gênero discursivo no qual os textos circulam. Essa repetição está estreitamente relacionada a outra propriedade fundamental do fraseologismo: a fixidez. Esta, considerada um critério relevante para indicar o grau de cristalização das sequências, pode ser total ou parcial, alcançando tanto o eixo sintagmático quanto o eixo paradigmático, manifestando-se especialmente na (morfo)sintaxe e nos níveis semântico-pragmáticos. No eixo do sintagma, a fixidez impõe ao fraseologismo certas restrições morfossintáticas que seriam aceitas por combinações livres, como no caso de *lavar a roupa suja*, em que o sintagma nominal não pode ser pronominalizado (*lavá-la*), a menos que se desfaça a unidade da sequência fraseológica. Já no eixo paradigmático, a fixidez intervém impedindo a formação de paradigmas sinonímicos ou reduzindo-os a algumas poucas variantes, como no caso do fraseologismo *quebrar um galho* (ajudar), cuja estrutura não admite substituição de nenhuma das palavras por outras sinonímicas, diferentemente de *barca furada*, que aceita a comutação lexical de *barca* por *canoa* (*canoa furada*).

Em seu estudo sobre as sequências fixas de natureza verbal do francês, Gross (1982) demonstra que elas seguem, de modo geral, a sintaxe da língua, o que também podemos observar em relação ao português. Por exemplo, o núcleo dos sintagmas verbais fraseológicos, tais como **bater** as botas, **quebrar** um galho, **sair** de fininho, dentre outros, costuma sofrer as mesmas flexões de número e pessoa, modo e tempo que são comuns às construções não fixas. Entretanto, essas unidades apresentam inegavelmente um comportamento morfossintático bastante característico, conforme explica Perini (2010) ao tratar da posição fixa do modificador anteposto em expressões idiomáticas, como *doce ilusão*, *alta burguesia*, *santa Igreja*, *triste sina*. O autor também cita a impossibilidade de inverter elementos coordenados por *e*, em construções do tipo **a fogo e ferro* (*a ferro e fogo*), **de cuia e mala* (*de mala e cuia*).

A congruência, por sua vez, é “o processo de adaptação das unidades lexicais pelo qual elas se integram naturalmente na combinatória” (MEJRI, 2012, p. 143), isto é, as regras de formação e de uso dos fraseologismos. Para Mejri (2012), a vantagem desse critério reside exatamente no fato de podermos dizer que é incongruente toda alteração e uso que vá de encontro à natureza da sequência cristalizada, como o acréscimo do determinante *uma* no interior do sintagma **abrir (uma) mão*. Assim, tornam-se incongruentes as alterações morfossintáticas, semânticas ou comutações paradigmáticas que violem a fixidez do fraseologismo e as condições de seu contexto pragmático de uso.

Segundo Mejri (2012), ao cruzarmos a fixidez e a congruência, podemos diferenciar, por um lado, as sequências cristalizadas das sequências livres e, por outro, descrever os fraseologismos, relacionando aspectos formais e principalmente de natureza semântica.

Já a idiomaticidade constitui uma propriedade semântica estreitamente associada aos elementos socioculturais e semióticos elaborados e compartilhados pela comunidade de falantes de uma língua. Via de regra, a idiomaticidade se expressa por meio do significado peculiar, geralmente figurado, dos fraseologismos característicos da língua e do povo que a utiliza, como as expressões idiomáticas cujo conteúdo semântico é comumente não composicional, devendo ser compreendido de forma global, como um significado terceiro, convencional e opaco.

Em virtude dessas características, sobretudo em função da frequência de uso, da atuação da fixidez e do fato de serem bem formadas, as sequências cristalizadas costumam ser previsíveis no discurso. Desse modo, muitas vezes, a simples menção a uma parte do fraseologismo (Quem tem boca... [vai a Roma]) é suficiente para que o falante recupere a combinatória por completo, pois os componentes que a estruturam estão em estreita solidariedade sintático-semântica.

Devido a essas características, a fraseologia tem desafiado, ao longo do tempo, linguistas, filólogos, lexicógrafos e gramáticos a desenvolverem métodos e teorias que consigam explicar adequadamente o funcionamento dessas unidades complexas do léxico, nas quais atuam muito fortemente a (morfo) sintaxe e a semântica. Um desses desafios está relacionado à problemática da definição de palavra, que ainda hoje não foi resolvida no âmbito da própria Linguística. A fim de contribuir com essa discussão, discorreremos, a seguir, brevemente, acerca dessa questão, pondo em evidência a relevância do estudo sobre o *figement lexical* e a proposta de Mejri (1997; 2012; 2018) relativa à terceira articulação da linguagem para abrigar a análise das unidades polilexicais cristalizadas.

A noção de palavra

Não é recente o debate acerca da pertinência do conceito de palavra no âmbito da linguística geral. Segundo Galves e Fernandes (2010), a noção de palavra, em que pese a falta de uma definição formal científica e universalmente válida, é central no âmbito dos estudos da linguagem desde a Antiguidade. De acordo com Haspelmath e Sims (2010), o conceito de palavra é o mais básico da morfologia. Trata-se de uma realidade psicolinguística, situada entre o morfema e o sintagma, facilmente reconhecida pela intuição dos falantes⁵ (BIDERMAN, 1999), tendo sido base para estudos da tradição gramatical greco-latina e até mesmo de análises linguísticas que, pela falta de uma definição precisa e universalmente válida de palavra, ainda persiste apesar das muitas críticas⁶. Por conta disso, Benveniste (2005, p. 131) prefere conservar

5 Segundo Sapir (1971, p. 44 apud LAROCA, 2003, p. 19): “Não pode haver prova mais convincente do que a seguinte: o índio, ingênuo e completamente despercebido do conceito da palavra escrita, não tem apesar disso dificuldade séria em ditar um texto a um investigador linguístico, palavra por palavra (...)”.

6 De acordo com Biderman (1999), a discussão sobre o conceito de palavra dividiu especialistas

o termo palavra, por razões de comodidade na análise, embora o considere desacreditado, ainda que insubstituível. Para Martinet (1991), o termo remete necessariamente em cada língua a tipos particulares de relações sintagmáticas.

De igual modo, Carone (1994) considera que não é fácil chegar ao conceito de palavra. Segundo a autora, mesmo a proposta de Bloomfield (1976 [1933]), que distingue formas livres e formas presas, não foi suficiente para contemplar, por exemplo, os clíticos, impasse que posteriormente foi resolvido com o conceito de forma dependente, proposto pelo linguista brasileiro Câmara Junior (1970).

Ainda com relação ao trabalho de Bloomfield (1976 [1933]), Basílio (2000) reconhece a contribuição dada pelo autor norte-americano no que se refere aos estudos morfológicos. Por um lado, destaca-se a delimitação do conceito de morfema como termo operacional na descrição das línguas, e, por outro, a tentativa de resolver o impasse trazido pelo próprio estruturalismo a partir da primazia do morfema sobre a palavra, o que poderia comprometer o estatuto da morfologia e suas divisões internas, que decorrem, em grande medida, do conceito de palavra, a qual, até o surgimento da abordagem estrutural, constituía a unidade mínima da análise linguística no âmbito da Gramática Tradicional. Para Bloomfield (1976 [1933]), a palavra seria a forma livre mínima, que seria capaz de ocorrer sozinha no enunciado, distinguindo-se, pois, dos morfemas presos, das formas dependentes e dos sintagmas oracionais (BASÍLIO, 2000). Num primeiro momento, a autora, então, considera que essa definição é eficiente porque situa a palavra como unidade da estrutura do enunciado. Além do mais

[...] não são abarcados, dentre outros, a dificuldade prática de reconhecer palavras eventualmente pronunciadas em sequência não interrompida no decorrer do ato de fala, nem o problema teórico de se distinguir palavras de suas diferentes manifestações de caráter flexional. (BASÍLIO, 2000, p. 10).

Todavia, Basílio (2000) ressalta que a dificuldade do conceito de palavra permanece quando se passam a considerar os nomes compostos, que, no quadro do estruturalismo, são construções lexicais formadas por dois ou mais radicais, não por palavras, como ensinava a gramática normativa. Nesse sentido, os radicais integrantes de um composto seriam formas presas, mas a autora demonstra que essa definição não se sustenta diante de exemplos de línguas como o português. Para Basílio (2000), em compostos como sofá-cama, carta-bilhete, bomba-relógio etc., os elementos integrantes não são, na verdade, formas presas nem apresentam uma mudança radical de significado.

Haspelmath e Sims (2010), por sua vez, apresentam três noções diferentes de palavra. Segundo os autores, usa-se o termo *word token* para referir a ocorrência de uma palavra num texto, escrito ou oral, em particular. Já o *lexeme* (*lexeme*, em inglês), representado em letras maiúsculas, denota uma palavra em um sentido abstrato; trata-se da representação da unidade

no VI Congresso Internacional de Linguística, realizado em Paris, em 1948, chegando inclusive a ser defendida a possibilidade de banir esse conceito da linguística.

que constitui a entrada dos dicionários, não tendo, portanto, realidade fonológica, como o verbo VIVER, que, abstratamente, possuiria o significado principal compartilhado pelas formas verbais *vivo*, *vive*, *viveu* e *vivendo*. Estas, por seu turno, seriam designadas pelo termo *word-form* (forma da palavra), que refere à palavra em um sentido concreto e possui natureza fonológica, expressando a “combinação de um lexema (VIVER) e um conjunto de significados gramaticais (ou significados funcionais) apropriados ao lexema” (HASPELMATH; SIMS, 2010, p. 15-16).

Como se viu brevemente, o conceito de palavra, tal como definido pelos estudos da gramática tradicional e até mesmo dentro da própria linguística, ainda não foi plenamente esclarecido, havendo, inclusive quem tenha defendido ser impossível definir a palavra de um modo universal, sendo mais adequado estabelecer um conceito para esse termo no âmbito de cada língua (BIDERMAN, 1999).

Do monolexical ao polilexical: a terceira articulação da linguagem

A divisão bipartida formulada por Martinet (1991) seria insuficiente para dar conta de explicar a origem e o funcionamento sintático, semântico e pragmático dos fraseologismos, uma vez que tais unidades se estruturam tanto a partir de elementos da segunda articulação quanto da primeira, figurando, pois, nesse quadro teórico, como estruturas estranhas.

Além disso, a própria noção problemática de palavra, tradicionalmente vista apenas pelo aspecto da monolexicalidade, ainda não foi resolvida teoricamente, especialmente porque os fraseologismos são unidades polilexicais mas funcionam similarmente a palavras simples, motivo pelo qual o conceito de palavra precisa ser refundado ou superado. Para tanto, a terceira articulação da linguagem, conforme defendida por Mejri (1997; 2012; 2018), representaria um passo fundamental, visto que permitiria analisar a palavra tanto em seu aspecto monolexical quanto polilexical, acomodando assim os fraseologismos no quadro analítico da linguística, de acordo com as demandas empíricas levantadas pelos fatos observados. Essa concepção sobre a linguagem foi possível graças aos estudos acerca do processo de *figement*, que opera nas línguas vivas produzindo inúmeras unidades fraseológicas.

Mejri (2018), ao discutir a problemática da polilexicalidade, demonstra que, durante muito tempo, gramáticos, lexicógrafos e demais estudiosos da linguagem hesitaram em tratar das sequências polilexicais, pois o conceito de unidade lexical estava ancorado na noção muito complexa de palavra, cujo fundamento é a monolexicalidade. Entretanto, a partir do desenvolvimento de pesquisas em torno do *figement*, especialmente dos estudos feitos com base nos grandes bancos de dados franceses, percebeu-se a necessidade de se incluírem os fraseologismos no centro de preocupações da linguística. Isso ocorreu graças a uma demanda empírica, proveniente do tratamento automatizado da linguagem.

Segundo o autor, a palavra é: (i) polimórfica (podendo assumir diferentes configurações morfológicas); (ii) variável quanto à forma no discurso (razão pela qual se justifica a lematização

nos dicionários); (iii) pode ser simples ou construída (como as derivadas afixais); (iv) corresponde sempre a uma ortografia recorrente; (v) tem um emprego gramatical; (vi) denomina uma unidade conceitual; e (vii) corresponde a um sentimento linguístico de unidade.

Em virtude dessa complexidade da palavra, muitos linguistas tentaram superar o conceito tradicional, evitando recorrer à unidade da palavra, ou propuseram novos termos e novas formas de encarar os problemas do léxico, particularmente as sequências cristalizadas. Desse modo, Pottier trata de *lexias*, Benveniste, de *sinapses*, Martinet, de *synthèmes*, dentre outros. Para Mejri (2018), o hiato entre a constatação da importância quantitativa e qualitativa da fraseologia e a concepção do léxico fundada na noção de palavra privaram a linguística de formular novas ferramentas teóricas que pudessem fornecer um conceito de unidade lexical que unificasse a descrição, permitindo tratamento adequado ao conjunto de unidades lexicais, independentemente de sua forma: monolexical ou polilexical, contínuo ou descontínuo, de natureza lexical ou gramatical, de sentido pleno ou gramaticalizado, de extensão pequena ou grande, simples ou derivado. O autor defende, então, que, se a análise for além da monolexicalidade e considerar a unidade lexical em termos de articulação de linguagem, será mais adequado tratar essa unidade de forma independente de sua morfologia (MEJRI, 2018).

Assim, na visão de Mejri (2018), a unidade da terceira articulação da linguagem é uma unidade lexical, mono ou polilexical, podendo ser formada por pelo menos dois constituintes, um constituinte morfêmico e outro gramatical. O primeiro, que pode ser marcado ou não, é um constituinte obrigatório, uma vez que ele decide sobre vários aspectos da unidade lexical: um conteúdo categórico (a forma do significado) que põe a unidade em uma parte do discurso, assegura uma capacidade de atualização no discurso, podendo estabelecer uma relação semiótica com o universo através da função denominativa. Já o constituinte gramatical é responsável por encapsular a totalidade dos outros constituintes que podem participar da unidade, garantindo o conjunto de sua virtualidade combinatória. O esquema dessa unidade pode ser assim estruturado: Unidade = $X_1+X_2+X_3...X_n+Y$, em que X representa o morfema autônomo ou não, e Y, o constituinte gramatical. Um exemplo de unidade monolexical seria *lealdade*, em que o sufixo -dade comporta a marca nominal. No eixo da polilexicalidade, os fraseologismos *bater as botas* e *engolir sapo*, nos quais o Y é marcado pela desinência verbal.

Desse modo, o reconhecimento das sequências cristalizadas como unidades lexicais demanda uma nova articulação da linguagem, que possa abrigar, ao lado da palavra monolexical, as estruturas polilexicais. Principalmente quando se considera que o conceito de morfema não seja completamente autônomo do ponto de vista semântico e pragmático, pois quando se trata de fraseologismos há uma atração léxico-gramatical capaz de redefinir as relações gramaticais do morfema como unidade monoléxica.

Procedimentos metodológicos

Os dados analisados neste artigo foram extraídos do glossário de Souza (2018), que registrou 438 fraseologismos em seus respectivos contextos de uso no discurso político. Entretanto, para este trabalho, foram selecionadas apenas 21 unidades, isoladas de seu contexto, que representam, no seu conjunto, a diversidade estrutural observada na pesquisa de base, isto é, sintagmas verbais, nominais, preposicionais e orações, *sentenças frásticas* para Mejri (2012) ou *enunciados fraseológicos*, segundo a terminologia de Corpas Pastor (1996).

Para analisar as relações morfossintáticas dos fraseologismos selecionados, foram aplicados os testes sugeridos por Gaston Gross (1996), que já reconhecia o caráter gradual da cristalização lexical. Assim, para os sintagmas verbais, o autor propõe como critérios a *passivação*, a *inserção de itens lexicais entre o verbo e seu complemento* e a *pronominalização do complemento*. Em relação às sequências fixas que são sintagmas nominais, Gross (1996) aponta a *nominalização*, a *coordenação de termos* e a *comutação paradigmática*.

No caso dos enunciados fraseológicos, levaram-se em conta os critérios discutidos por Mejri (1997; 2012), como a fixidez e a previsibilidade sintagmática dessas estruturas, comparando-as às demais combinações livres da língua.

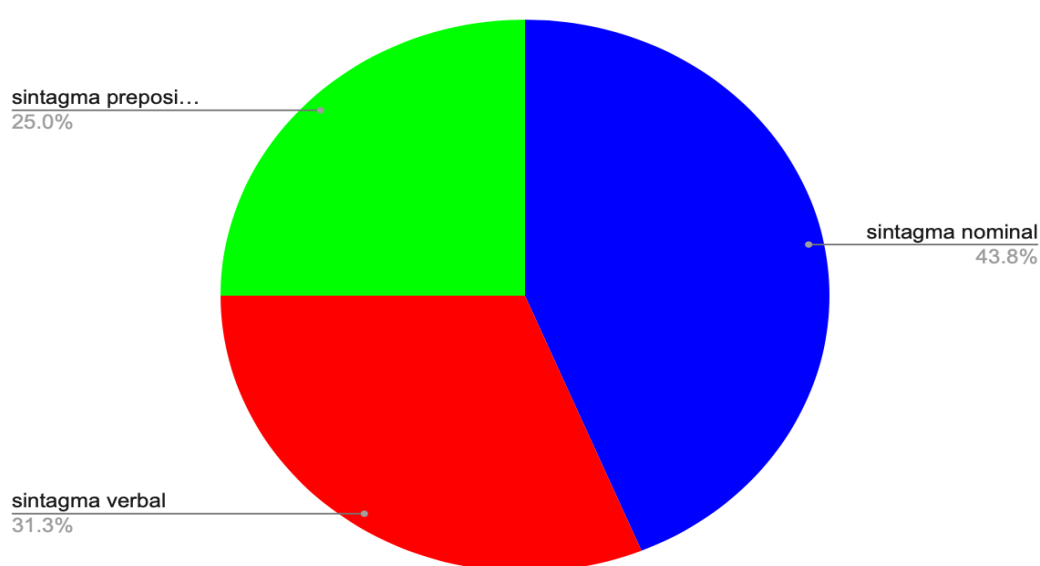
Complementarmente, a análise também considerou as reflexões de Perini (2008) e sobretudo os apontamentos de Perini (2010).

Deve-se esclarecer o uso do asterisco, na seção de resultados, para indicar que a sequência modificada não é aceita pela unidade fraseológica, alterando a natureza fraseológica da sequência. Por outro lado, o símbolo \pm indica que é possível, em determinado contexto de uso, desde que a modificação feita no fraseologismo não altere sua natureza cristalizada e seu sentido convencional.

Resultados e discussão

A descrição que segue leva em consideração, apenas, o caráter puramente formal das construções em tela. Desse modo, as 21 (vinte e uma) sequências analisadas exibem uma diversificada estrutura no que se refere à composição sintagmática, apresentando majoritariamente a configuração de sintagma e, em menor número, a de oração, o que corresponde a apenas 6 (seis) fraseologismos. Do universo sintagmático, 7 (sete) possuem base nominal, 5 (cinco) possuem base verbal e 4 (quatro) fraseologismos se estruturam a partir de preposição, como ilustra o Gráfico 1, a seguir.

Gráfico 1 - Sintagmas no *corpus* analisado



Fonte: Elaboração dos autores.

A distribuição dos sintagmas ilustrada no Gráfico 1 mostram que 7 (sete) sequências são formadas por sintagma nominal e apresentam estrutura interna composta de:

- Subst. + b: *plano B*
- Subst. + Adj: *bode expiatório*
- Subst. + SP [prep. + SN]: *assalto de colarinho branco*
- Subst. + Subst. + Adj.: *operação sangue negro*
- Subst. + V + Subst.: *operação lava jato*
- Subst. + SAdv [ADV + SP [prep. + subst.]: *carta fora do baralho*
- Subst. + SP [prep+Subst+forma nominal do verbo]: *conversa para boi dormir*

Desse grupo, convém salientar o fraseologismo *plano b*, pelo fato de o segundo elemento não constituir, em termos tradicionais, uma palavra, mas não há dúvida de que funciona como um constituinte nominal. Com efeito, no âmbito da polilexicalidade, o item *b* comporta-se, nesse contexto, como item lexical que age como determinante da base.

Há, também, 5 (cinco) fraseologismos constituídos por sintagma verbal que apresentam, por sua vez, a seguinte estrutura interna:

- V + Subst.: *abrir mão*
- V + SN: *pagar o pato*
- V + SP: *pisar na bola*
- V + SN [artigo+Subst.+ Adj]: *lavar a roupa suja*
- V + SN + SP: *colocar o bode na sala*

Como se vê, a análise da estrutura interna do sintagma verbal revela que há sequências formadas por dois ou mais constituintes, os quais se encadeiam, do ponto de vista formal, de acordo com os padrões gerais de organização sintagmática do português.

Já os 4 (quatro) fraseologismos que assumem a forma de sintagma preposicional figuram internamente como:

- Prep. + Subst.: *a rodo*
- Prep. + SN: *à deriva*
- Prep. + SN [+ Adj]: *na corda bamba*
- Prep. + SN + de + SN: *à beira de um abismo*

Além das unidades constituídas por sintagma, algumas sequências cristalizadas apresentam configuração de sequências frásticas (MEJRI, 2012, p. 38) ou o que Corpas Pastor (1996) denomina de enunciados fraseológicos, assumindo a configuração formal de orações e frases completas, como as que seguem:

- Período composto por coordenação (sindética): *a justiça tarda, mas não falha*
- Período composto por coordenação (assindética): *escreveu, não leu, o pau comeu*
- Período simples (perífrase verbal): *a cobra vai fumar*
- Período simples (oração com verbo copulativo): *a voz do povo é a voz de Deus*
- Período composto por subordinação (oração subordinada + oração principal): *quem com ferro fere com ferro será ferido.*

Ainda com base na proposição tipológica de Mejri (2012) em que o autor ressalta que as sequências frásticas podem se subdividir em dois padrões oracionais, quais sejam: sequências não sentenciosas e sentenciosas, no *corpus* analisado, os cinco casos encontrados pertencem à segunda opção, uma vez que elas comportam condição própria da produção de enunciados. Em *quem com ferro fere com ferro será ferido*, temos, por exemplo, uma sequência prototípica dos ditados populares, uma unidade sentenciosa que carrega consigo o sentido de senso de justiça em que alguém deve responder às consequências de um ato cometido. Esse tipo de unidade goza de vasta descrição nos estudos relacionados ao léxico.

Essa breve descrição da estrutura sintática dos fraseologismos mostra que, do ponto de vista formal, essas sequências adotam, de modo geral, os padrões de composição sintagmática da língua. Entretanto, quanto à morfossintaxe, há comportamento diferente, como se verá a seguir.

Comportamento morfossintático dos fraseologismos

De modo geral, as sequências cristalizadas seguem os mesmos mecanismos sintáticos da língua, estruturando-se em sintagmas, orações ou frases completas. Todavia, os fraseologismos apresentam comportamento morfossintático diferente das demais construções livres, pelo fato de incidirem sobre tais unidades graus distintos de fixidez (sintática, semântica, pragmática), congruência e convencionalidade, alterando substancialmente sua configuração linguística.

A título de exemplificação, aplicando os testes sugeridos por Gross (1996) para as sequências constituídas por sintagma verbal, verificou-se o seguinte quadro de restrições.

Quadro 01 – Aplicação de testes morfossintáticos a fraseologismos formados por sintagma verbal

Sintagma verbal	Passivação	Inserção de itens lexicais entre o verbo e o seu complemento	Pronominalização do complemento
abrir mão	*a mão foi aberta	*abrir uma mão	*abri-la
pagar o pato	*o pato foi pago	*pagar o pequeno pato	*pagá-lo
lavar a roupa suja	?	*lavar a roupa muito suja *lavar a bacia de roupa suja	*lavá-la
colocar o bode na sala	*o bode foi colocado na sala	*colocar o pequeno bode na sala *colocar o maior bode na sala	*colocá-lo na sala

Fonte: Elaborado pelos autores.

As informações dispostas no Quadro 1 permitem demonstrar que os sintagmas verbais fraseológicos apresentam restrições morfossintáticas, em virtude de sua natureza cristalizada, como observou Perini (2010) ao tratar de sequências fixas. Entretanto, cabe ressaltar que os verbos podem ser flexionados, enquanto os demais constituintes não aceitam nenhum tipo de flexão. Além disso, dada a escalaridade da fixidez, é possível verificar que certas estruturas podem ser semifixas, já que, em face da possibilidade estilística de emprego de alguns fraseologismos, podem ter uma apresentação menos usual, como ocorre em *Tem muita roupa suja aqui que precisamos lavar* (no sentido de que há muitos problemas entre nós para serem resolvidos).

Para as sequências formadas por sintagma nominal, aplicaram-se os testes que envolvem a nominalização, a coordenação de elementos e a comutação paradigmática. O quadro a seguir exhibe o resultado da aplicação dos testes.

Quadro 02 – Aplicação de testes morfossintáticos a fraseologismos formados por sintagma nominal

Sintagma nominal	Nominalização	Coordenação de termos	Comutação paradigmática
plano B	?	*plano B e C *plano B e inteligente	*plano C ± ⁷ plano reserva *plano inteligente
bode expiatório	*expição do bode	*bode expiatório e remidor	*bode remidor *bode salvador
assalto de colarinho branco	*a brancura/branquidão do assalto de colarinho	*assalto de colarinho branco e limpo	*assalto de colarinho claro ± roubo de colarinho branco + crime de colarinho branco
Operação sangue negro	*a negritude da operação	*operação sangue negro e vermelho	*operação sangue escuro/preto * investigação sangue escuro
Operação lava jato	?	*operação lava jato e?	*operação sangue negro * investigação lava jato
carta fora do baralho	?	*carta fora do baralho e do dominó	±carta fora do jogo/da jogada * cartão fora do baralho ± peça fora do baralho
conversa para boi dormir	*a dormida da conversa para boi	*conversa para boi dormir e sonhar	*conversa para boi descansar *conversa para boi adormecer + história para boi dormir ⁸

Fonte: Elaborado pelos autores.

7 O símbolo ± indica que é possível, em determinado contexto, que a modificação feita no fraseologismo não altere sua natureza cristalizada e seu sentido convencional.

8 Essa variante foi registrada por Silva (2013), na versão preliminar do Dicionário brasileiro de fraseologia.

O sinal de interrogação indica, na coluna para o teste da nominalização, que as sequências em tela não aceitam tal modificação. Na coluna referente à coordenação de termos, a interrogação também evidencia a ausência de um elemento que pudesse ser coordenado com *lava jato*. Observe-se, ainda, que, apesar de a sequência *operação sangue negro* constituir uma colocação, a comutação do sintagma *lava jato* pelo sintagma *sangue negro* desfaz o fraseologismo *operação lava jato*, visto que se trata de operação distinta daquela.

Acrescente-se também o fato de que a maioria das sequências acima também apresentam restrições a flexões nominais. Não se pode dizer, por exemplo, *planos b, *bodes expiatórios, *operações sangue negro, *conversas para boi dormir, embora, intuitivamente, pareça haver alguma possibilidade de o item carta ser usado no plural (cartas fora do baralho).

As unidades formadas por sintagma preposicional geralmente também apresentam restrições morfossintáticas, como a inserção de adjetivos modificadores ou comutações paradigmáticas. Os fraseologismos *a rodo*, à deriva e à beira de um abismo violam, por exemplo, respectivamente, estruturas do tipo *a rodo **grande/pequeno**, *à **grande** deriva e *à **profunda/imensa** beira de um abismo/ *à beira de um abismo **profundo**. Por sua vez, a sequência *na corda bamba*, que já possui um modificador, não admite substituição por outro adjetivo nem a coordenação de elementos, impedindo, assim, transformações como: *na corda **frouxa**, *na corda bamba e **comprida**. Entretanto, convém salientar a possibilidade de ocorrerem variantes fraseológicas produzidas mediante substituição da base nominal das sequências *a rodo* e à deriva, as quais manteriam o sentido ao serem substituídas, respectivamente, por: à beça e à matraca.

Com respeito aos fraseologismos que constituem frases completas, ressalta-se a posição fixa das orações que formam o período, a qual não pode ser deslocada sob pena de se perder o sentido fraseológico da sequência. É o caso das unidades: *escreveu, não leu, o pau comeu*; *a voz do povo é a voz de Deus*; e *quem com ferro fere com ferro será ferido*. Qualquer mudança na ordem das orações provocaria uma “quebra” do *status* fraseológico da sequência cristalizada.

Observamos, também, que, com exceção de *a cobra vai fumar*, que admite flexão no passado, as demais sequências são fixas no presente (*a justiça tarda, mas não falha*; *a voz do povo é a voz de Deus*), no passado (*escreveu, não leu, o pau comeu*) e no futuro (*quem com ferro fere com ferro será ferido*).

Esses poucos dados analisados demonstram que, de fato, as sequências cristalizadas, especialmente as expressões idiomáticas, apresentam comportamento morfossintático diferente das construções livres. Por esse motivo, Perini (2008) excluiu de seu estudo de gramática descritiva as expressões idiomáticas, afirmando que “a relação entre o verbo e seus eventuais complementos dentro dessas expressões precisa ser objeto de pesquisas específicas” (PERINI, 2008, p. 242). Contudo, posteriormente, o autor reconsidera seu ponto de vista em relação às expressões idiomáticas e, em sua *Gramática do português brasileiro* (PERINI, 2010), dedica um

capítulo para tratar dessas unidades, reconhecendo a importância de incluí-las na descrição da língua, visto que são numerosas, estruturalmente complexas e participam, ao lado das palavras simples, do processo de nomeação que é feito pelo léxico.

Conclusão

Este artigo procurou descrever a estrutura morfossintática de fraseologismos do português extraídos do glossário de fraseologismos utilizados no discurso político (SOUZA, 2018). Buscou-se, paralelamente, refletir sobre a noção de palavra, tradicionalmente controversa nos estudos da linguagem, incluindo a perspectiva fraseológica no exame da unidade lexical.

Em face da breve descrição realizada, pode-se dizer que o objetivo principal foi alcançado, uma vez que foi realizada a descrição sintática dos sintagmas e alguns aspectos da morfossintaxe apresentada por essas sequências. Contudo, há necessidade de aprofundar essa análise, incluindo novos dados e outros aspectos, particularmente questões associadas à valência e à estrutura semântica e pragmática dos fraseologismos.

Apesar das limitações de um trabalho preliminar como este, acredita-se que ele possa contribuir com a descrição dos fraseologismos, fomentando pesquisas na área que aprofundem a discussão sobre o seu funcionamento morfossintático. Neste aspecto em particular, cabe ressaltar o debate, ainda vigente, sobre a definição de palavra, no âmbito do qual a proposta de Salah Mejri mostra-se pertinente e possibilita mostrar que *pagar o pato* não é o mesmo que pagá-lo!

REFERÊNCIAS

BALLY, C. *Traité de stylistique française*. 2 ed. Paris: Klincksieck, 1951.

BASILIO, M. Em torno da palavra como unidade lexical: Palavras e composições. *Veredas*, revista de estudos linguísticos Juiz de Fora, v. 4, n. 2, p. 9-18, 2000.

BENVENISTE, É. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005.

BIDERMAN, M. T. C. Conceito linguístico de palavra. *Palavra*, n. 4, 1999.

BLOOMFIELD, L. *Language*. Londres: Cox & Wyman, 1976 [1933].

BRÉAL, M. *Ensaio de semântica: ciência das significações*. São Paulo: EDUC: Pontes, 1992 [1897].

CÂMARA Jr., J. M. *Princípios de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.

CARONE, F. B. *Morfossintaxe*. 6 ed. Ática – Série Fundamentos, 1994.

- CASARES, J. *Introducción a la lexicografía moderna*. Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1950.
- CORPAS PASTOR, G. *Manual de fraseologia española*. Madrid: Gredos, 1996.
- CORPAS PASTOR, G; ORTIZ ALVAREZ, M. L. Fraseologia e Paremiologia: uma entrevista com Gloria Corpas Pastor. In: *ReVEL*, vol. 15, n. 29, 2017. Tradução de Ana Carolina Spinelli. Revisão técnica de Gabriel de Ávila Othero. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em: 25 out. 2017.
- GALVES, C.; FERNANDES, F. R. Morfologia e sintaxe. In: GUIMARÃES, Eduardo. (org.) *Introdução às ciências da linguagem. A palavra e a frase*. Campinas: Pontes Editores, 2010.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GROSS, G. *Les expressions figées en français. Noms composés et autres locutions*. Paris: Ophrys, 1996.
- GROSS, G. Une classification des phrases figées du français. *Revue québécoise de linguistique*, v. 11, n. 2, 1982, pp. 151-185.
- HASPELMATH, M.; SIMS, A. D. *Understanding morphology*. 2 ed. London: Hodder education, 2010.
- KLARE, J. Lexicologia e fraseologia no português moderno. *Revista de Filologia Românica*, Madri, v. 4, 1986.
- LAROCA, M. N. C. *Manual de morfologia do português*. Campinas: Pontes, 2003.
- MARTINET, A. *Elementos de linguística geral*. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1991.
- MEJRI, S. *Le figement lexical: descriptions linguistiques et structuration sémantique*. Tunis: Publications de la faculté des lettres de la Manouba, 1997.
- MEJRI, S. Le figement lexical: descriptions linguistiques et structuration sémantique. *L'Information Grammaticale*, n. 76, p. 50-51, 1998a.
- MEJRI, S. La memoire des sequences figees: une troisième articulation ou la réhabilitation du culturel dans le linguistique. *Actes du colloque: La mémoire des mots*. Actualité Scientifique, Tunis, AUPELF-UREF, 1998b, pp. 3-11.
- MEJRI, S. Le figement lexical: nouvelles tendances, *Cahiers de lexicologie* n. 80, 2002, p. 213-223.
- MEJRI, S. Figement absolu ou relatif: la notion de degré de figement. *Linx [En ligne]*, n. 53, 2005.

MEJRI, S. Délimitation des unités phraséologiques. In: ORTIZ ALVAREZ, M. L. (org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. V.1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012a.

MEJRI, S. La phraséologie française: synthèse, acquis théoriques et descriptifs. Le français moderne. *Revue de linguistique française*. n. 1, p. 5-32, 2018.

MONTEIRO-PLANTIN, R. S. *Fraseologia: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna* (volume I). Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

ORTIZ ALVAREZ, M. L. *Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: Estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira*. 2000. 334f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. UNICAMP, Campinas, SP, 2000.

ORTIZ ALVAREZ, M. L. (org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. V.1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012a.

ORTIZ ALVAREZ, M. L.; UNTERNBÄUMEN, E. H. (orgs.). *Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

PAMIES, A. A metáfora gramatical e as fronteiras (externas e internas) da fraseologia. *Revista de Letras*. nº 33, v. 1 – jan./jun, p. 51-77, 2014.

PAUL. H. *Princípios Fundamentais da História da Língua*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1980 [1886].

PERINI, M. A. *Estudos de gramática descritiva: as valências verbais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SILVA, J. P. *Dicionário brasileiro de fraseologia* (versão preliminar). Rio de Janeiro: [s.n], 2013.

SOUZA, D. *Fraseologismos no discurso político brasileiro: uma proposta de glossário*. 2018. 262f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará. Belém, 2018.

TAGNIN, S. E. O. Linguística de corpus e fraseologia: uma feita para a outra. In: ORTIZ ALVAREZ, M. L.; UNTERNBÄUMEN, Enrique H. (orgs.). *Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011, p. 277-302.